

Reflectir sobre as mães da rua

Notícias, Opinião e Análise, 28-03-2018, Pág 25, ed 30.319

ARLINDO JUVÊNCIO

UMA das formas de manter o lar conjugal saudável é elogiar, corrigir e propor melhorias ou soluções, através de um diálogo salutar. Guiado por esta teoria, pensei no presente a oferecer a minha esposa, por ocasião do 7 de Abril, Dia da Mulher Moçambicana.

Este pensamento ocorreu numa tarde de domingo quando caminhava pela rua Timor Leste, na baixa da cidade de Maputo. Enquanto pensava, os meus olhos foram dar à Fortaleza de Maputo, de onde notei a presença de uma mulher grávida.

Tratava-se de uma mulher que partilhava o mesmo espaço com homens. No local foi erguida uma "casa" de papelão. Ou seja, estes homens invadiram o espaço

da fortaleza para dela tomar um lugar para se abrigarem do sol e da chuva.

Vendo esta mulher, pensei logo nos cuidados que ela precisava e, de imediato, questionei: será que ela teve o cuidado de se dirigir a uma unidade sanitária para o merecido acompanhamento?

Admitindo a hipótese de ter ido ao hospital, pensei logo nas perguntas que são feitas para o preenchimento da ficha pré-natal. Será que ela deu o endereço verdadeiro? Que endereço usou para preencher a ficha!

Admitindo, igualmente, a hipótese de ter dado o endereço da fortaleza, será que a pessoa que preencheu não se apercebeu que não existem residências na Fortaleza de Maputo? Quanto a mim,

este seria um grande passo para encaminhar esta mulher à Acção Social para o respectivo acompanhamento, tendo em conta que o que dela vai nascer não deve ter a mesma sorte que ela.

É verdade que não se deve separar a mãe dos filhos, mas, para este caso, deve-se pensar seriamente no futuro desta criança. Será que os seus pais terão a iniciativa de os levar à escola? O mais provável é que cresçam analfabetos e sigam o mesmo rumo que os progenitores.

As autoridades devem fazer um pouco mais para a protecção da mulher grávida e crianças, grupos considerados vulneráveis. Esta mulher grávida, porque está a ocupar um espaço ilegal, pode ser surpreendida pela Polícia e na

azáfama pode-se dar o caso de oferecer resistência e, consequentemente, interferir no crescimento do seu bebé.

Pode-se dar o caso também de serem agredidos por outros grupos de homens e mulheres que vivem na rua e não ter como se defender.

Esta fez-me reflectir sobre os cuidados que a mulher grávida precisa, um atendimento que não deve estar a ter. E, provavelmente, o seu parto pode ser feito mesmo na rua e sem cuidados necessários.

Recordo-me que já houve uma campanha de recolha de crianças, mas ainda há um longo caminho por percorrer para evitar que os menores sigam o mesmo rumo dos seus pais.

Para o caso de mulheres que vivem na rua, a situação é preocupante porque os seus filhos correm sérios riscos de não fazerem parte das estatísticas, por falta de registo, muito menos de escolarização.

O Governo, de modo particular a Acção Social, tem a missão de minimizar esta situação, procurando soluções que passam pela sensibilização dos meninos de rua para reintegração nas respectivas famílias. É verdade que a missão não se afigura fácil, mas o certo é que o fenómeno de crianças de rua deve ser desencorajado, através do estabelecimento de medidas severas para quem assim proceder. E mais: os pais que abandonarem os filhos também devem merecer castigo.